



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE – DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

VALDENIA DE OLIVEIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA FÁBULA CLÁSSICA: UMA (RE)LEITURA DE
“A RAPOSA E AS UVAS”**

Guarabira – PB
2016

VALDENIA DE OLIVEIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA FÁBULA CLÁSSICA: UMA (RE)LEITURA DE
“A RAPOSA E AS UVAS”**

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

Guarabira – PB
2016

S586c Silva, Valdenia de Oliveira
A construção da fábula clássica: [manuscrito] : uma (re)leitura
de " A raposa e as uvas" / Valdenia de Oliveira Silva. - 2016.
12 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Literatura Infanto-Juvenil. 2. Gênero Literário. 3. Fábula.
I. Título.

21. ed. CDD 809.88

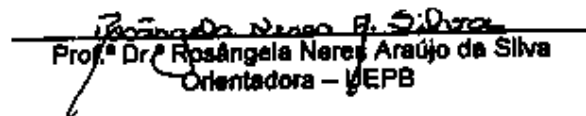
VALDENIA DE OLIVEIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA FÁBULA CLÁSSICA: UMA (RE)LEITURA DE
“A RAPOSA E AS UVAS”**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em 19 de outubro de 2016.

Banca Examinadora


Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora - UEPB


Prof.ª Esp. Alne de Fátima da Silva Araújo
Examinador - UEPB


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Examinador - UEPB

A CONSTRUÇÃO DA FÁBULA CLÁSSICA: UMA (RE)LEITURA DE “A RAPOSA E AS UVAS”

SILVA, Valdenia de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de evidenciar uma (re)leitura da fábula “A Raposa e as Uvas”, de Esopo, mostrando a composição do gênero fabular e sua importância para o leitor infantojuvenil. Para tanto, partimos da leitura da fábula, mostrando sua estrutura e contribuição literária, bem como seu ensinamento social através da moral. A fundamentação teórica utilizada leva em conta os estudos de Goés (1991), Cunha (2003), Cademartori (2006), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infanto-Juvenil; A raposa e as uvas; Fábula.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva a (re)leitura da fábula “A Raposa e as Uvas”, escrita na Antiguidade Clássica, pelo grego Esopo. Esta fábula teve muitas outras reescritas, o que garantiu sua permanência no tempo, perpassando os séculos e chegando até nós através de muitos outros autores e versões.

Segundo Coelho (2000, p. 18), a fábula como um texto literário de linguagem simples e temática moralizante, se utiliza do animismo, ou seja, a personificação de animais com características humanas, numa analogia em relação ao comportamento humano.

Estudos sobre a fábula observam que esse gênero vem sendo aperfeiçoado desde a Antiguidade, perpassando os séculos com autores renomados a exemplo de Fedro e Jean de La Fontaine. No Brasil, “A Raposa e as Uvas” foi incluída em muitas coletâneas infantojuvenis e recebeu várias atualizações. Monteiro Lobato e Ferreira Gullar atualizaram várias das fábulas de

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof^ªDr^a Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: valdeniadeoliveirasilva@gmail.com

Esopo e La Fontaine, alterando os personagens e as situações, mas mantendo a moral e a temática. Assim, a fábula resistiu ao tempo fazendo-se presente em diferentes culturas e servindo como propósito artístico e literário ao longo da história.

Desse modo, para mostrar a permanência e as contribuições da fábula clássica na literatura, na segunda seção deste artigo, fazemos um percurso da literatura infantil e a tradição fabular; expomos a origem e a composição da fábula clássica e procedemos a (re)leitura da fábula “A Raposa e as Uvas”.

2 A LITERATURA INFANTIL E A TRADIÇÃO DA FÁBULA CLÁSSICA

Ao dialogar com a Literatura Infantil, faz-se presente compreender que, assim como a vida humana, a literatura e a criação literária apresentam-se em diversas épocas e comportam várias ideologias, influenciando as produções e recepções, conforme as mudanças do meio social, político e intelectual. Segundo Coelho (2000, p. 28):

Esse fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identificá-la como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor de intervenção sociológica, ética ou política.

Desse modo, a literatura se relaciona ao processo sociocultural que atua como resultado e função do produto literário. A literatura infantil, por sua vez, tem a função de enriquecer as experiências vividas pelo público infantil (COELHO, 2000, p. 29). Enquanto um veículo de conhecimento, é apresentada ao leitor como um viés de aperfeiçoamento da leitura e por isso quase sempre minimizada, vista como um gênero menor, por estar primeiramente envolvida com a distração e o entretenimento das crianças.

Um dos gêneros infantis mais empregados nesse viés e com a função acima descrita é a fábula. Isso ocorre pela veiculação da moral e por ter sido utilizada durante muitos anos como um texto pedagógico. Entretanto, é bem

aceita e valorizada no âmbito das produções livrescas e está muito presente no contexto escolar.

Assim, Segundo Hunt (2010, p. 23), a permanência da fábula está condicionada às mudanças formais, mas resiste ao tempo e não perde o caráter estético e literário. Atualmente, são muitas as reedições de coletâneas de fábulas e muitas releituras do clássico, que alteram a estrutura, mas mantêm a temática, dando aos textos uma nova roupagem e enredos baseados na realidade atual, outros personagens, etc.

Entretanto, o texto clássico, como a própria denominação, consolidou-se através dos anos e é sempre uma referência e uma fonte onde os autores mais contemporâneos vão beber para se inspirarem. Esse status do texto clássico é o que mostra a hegemonia da literatura e sua importância enquanto arte.

Na seção seguinte, conheceremos um pouco mais sobre o percurso da fábula clássica.

3 A FÁBULA: ORIGEM E COMPOSIÇÃO

A fábula é um gênero narrativo, surgido no oriente e que praticamente se encontra em todas as culturas humanas e períodos históricos. De caráter universal, tem ligação com a sabedoria popular. A etimologia do termo vem de *fabula*, isto é, falar ou contar (GOÉS, 1991 p. 144).

A fábula é uma narrativa alegórica que propõe uma relação entre elementos lúdicos e pedagógicos. Possui temática variada e reflete os valores da sociedade para a qual se destina, com a função de defesa ou sátira de situações e comportamentos.

Este gênero tem origem no século V, a.C. O primeiro fabulador conhecido e a quem as histórias foram atribuídas foi o escritor grego Esopo. Inicialmente, eram textos contados nas ágoras (praças) para a população ateniense. As fábulas de Esopo foram mais tarde vigorosamente reescritas por outros fabulistas, de outras épocas, até chegar aos dias atuais.

De acordo com Oliveira (2011, p. 13), assim como aconteceu com os contos de fadas, as fábulas obtiveram várias versões e durante algum tempo tornou-se difícil precisar a autoria de cada texto. As compilações fabulares

iniciaram com Fedro, fabulista romano do século I, d.C., que desenvolveu o processo de reescrita estilística das fábulas de Esopo. Naquela época, as fábulas tinham objetivo pedagógico, moralizante e serviam para a manutenção dos valores morais e sociais da população. Fedro respeitava muito o trabalho de Esopo e assinou todas as fábulas reescritas como sendo primeiramente de autoria deste. Dessa forma, Esopo recebeu os créditos pela origem das fábulas e todos os autores que o sucederam lhe fizeram referência como o primeiro fabulista conhecido.

Na verdade, as versões que seguiram depois de Esopo sofreram pequenas alterações, mas mantiveram o tema original. As fábulas de Fedro e La Fontaine contêm poucas variações em relação ao texto de Esopo. Oliveira (2011, p. 22) afirma que na modernidade os autores que reescreveram essas fábulas utilizaram dois artifícios: (1) modificaram o formato do texto, deixando-o mais próximo à estrutura da prosa; (2) inseriram diálogos ou discursos dialógicos para deixar a moral mais explícita. Em ambos os casos, percebemos que houve alteração temática, mantendo o máximo possível do texto original.

A fábula é revestida de significações e representações simbólicas que favorecem seu reconto. Sua narrativa exprime uma verdade geral, destinada a ilustrar uma moral, com representação folclórica e o objetivo de repassar um ensinamento. Góes (1991, p.144) ainda define a fábula da seguinte forma:

A fábula é uma forma literária indireta na exposição de sua expressão, de caráter geralmente crítico, de análise precisa e tradução sintética dos fatos que são tanto objetivos quanto eloquentes para o entendimento. Transmite a crítica ou conhecimento em forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato ou a personagem.

Desde um bom tempo, este gênero tornou-se alvo para estudiosos, e manteve-se como um texto de características pedagógicas. Por apresentar um ensinamento, é comumente destinado à infância e ressoa como um dos gêneros mais importantes da literatura infantojuvenil.

Segundo Cunha (2003, p. 34), no primeiro dos três períodos da fábula, a moral era parte fundamental do texto e continha bastante ênfase. O segundo período, representado por Fedro, também impulsionou a ênfase na moral da história, uma vez que as mudanças socioculturais começavam a ser mais

vigorosas. No terceiro momento, representado por La Fontaine e a maioria dos fabulistas modernos, a narrativa alegórica em verso passou a ser escrita em prosa e os personagens receberam uma caracterização mais densa, representando virtudes, qualidades e defeitos do caráter humano. A moral aparece diluída na dialogia expressa pelo texto que reflete a sociedade moderna.

A fábula “A Raposa e as Uvas”, além da versão de Esopo, foi também reescrita por vários outros autores, a exemplo de Fedro, Jean de La Fontaine, Monteiro Lobato, Millôr Fernandes e Jô Soares, e é considerada uma das mais conhecidas na literatura. No próximo tópico, apresentamos as principais características da versão clássica desta fábula.

4 “A RAPOSA E AS UVAS”: A CONSTRUÇÃO DA FÁBULA CLÁSSICA

A criança, segundo a Psicologia, passa por mudanças desde que nasce até entrar na sua adolescência. A par dessas mudanças, a literatura infantil agrupa cada gênero literário para uma determinada fase. A fábula pode ser encontrada na fase do mito, em que observamos no desenvolvimento cognitivo da criança uma instabilidade em relação aos conceitos de fantasia e realidade, uma vez que para ela os objetos, assim como as pessoas, possuem vida. Sobre este fator, Cunha afirma que:

Na realidade, cada criança tem seus próprios limites, num desenvolvimento peculiar definido por muitos e diferentes fatores. Mais do que conhecer as fases do desenvolvimento infantil, importa conhecer a criança, sua história, suas experiências e ligações com o livro. (CUNHA, 2003, p. 99-100).

A fábula tem uma relação direta com a infância. Como já apresentamos antes, seu viés pedagógico proporcionou seu reconhecido como um texto apropriado para as crianças e suas primeiras experiências com a leitura literária.

Dessa maneira, vemos que a fábula clássica obedece aos elementos literários necessários e apreciados pelas crianças que estão na fase do mito. De acordo com Zilberman (2006, p. 29), sua estrutura apresenta elementos bem aceitos nesta fase. Estes elementos são:

- Narrativa curta, em prosa;
- comportamento antropomórfico dos animais;
- aspectos, virtudes, qualidades e/ou defeitos do caráter humano;
- temática variada;
- personagens tipo, representando o comportamento de um conjunto de pessoas;
- lição moral no final da história.

Como um texto resultante da oralidade, a fábula pode conter diferentes versões. Considerado como a fábula clássica, a versão de Esopo de “A Raposa e as Uvas”, narra a história da Raposa que deseja alcançar alguns cachos de Uvas escuras, que lhe parecem suculentas e apetitosas. Transcrevemos abaixo essa versão:

A RAPOSA E AS UVAS

Uma Raposa, morta de fome, viu, ao passar diante de um pomar, penduradas nas ramas de uma viçosa videira, alguns cachos de exuberantes Uvas escuras, e o mais importante, maduras.

Não pensou duas vezes, depois de certificar-se que o caminho estava livre de intrusos, resolveu colher o seu alimento.

Usou de todos os seus dotes, conhecimentos e artifícios para apanhá-las, mas como estavam fora do seu alcance, acabou cansando-se em vão, e nada conseguiu.

Desolada, cansada, faminta, frustrada com o insucesso de sua empreitada, suspirando, encolheu de ombros e deu-se por vencida.

Deu meia volta e foi-se embora, dizendo: “As Uvas afinal estão verdes, não me servem...”

Quando já estava indo, um pouco mais à frente, escutou um barulho como se alguma coisa tivesse caído no chão... Voltou correndo pensando ser as Uvas.

Mas quando chegou lá, para sua decepção, era apenas uma folha que havia caído da parreira. A raposa, decepcionada, virou as costas e foi-se embora de novo.

MORAL DA HISTÓRIA

Ao não reconhecer as próprias limitações, o vaidoso abre caminho para a própria infelicidade.

ESOPO. **Fábulas completas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

A personificação na fábula é geralmente utilizado para proceder uma crítica em relação a usos, costumes e pessoas de determinado contexto. Em “A Raposa e as Uvas”, Esopo provavelmente está fazendo referência às pessoas que desejam alcançar bens materiais, sem pensar nos meios que serão utilizados para isso. O objeto de desejo da Raposa, as Uvas, é grafado com inicial maiúscula para mostrar a importância alegórica do objeto.

Segundo Moisés (2004, p. 14):

A alegoria constitui uma espécie de discurso inicialmente apresentado com sentido próprio e que serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso. [...] O aspecto material funciona como um disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional.

A personificação da Raposa remete ao grupo de pessoas que usa da vaidade para alcançar seus objetivos. No imaginário corrente, a figura da raposa é sempre tida como a de um animal perigoso e faminto, que atravessa todos os obstáculos para conseguir o alimento que deseja.

Por não conseguir as Uvas, desdenha do objeto do desejo, atribuindo-lhe um defeito. Como isso só acontece por não conseguir alcança-las, a Raposa também representará aquelas pessoas que desprezam o que não podem ter.

Assim, tais características nos levam ao resultado de seu esforço fracassado, mostrando sua frustração. Depois que ela abandona as Uvas, e por achar que haviam finalmente caído, esperando agora consegui-las sem esforço, ainda retorna a elas e se decepciona com o fato de as Uvas não terem caído. Ela não se dá conta da impossibilidade de alcançar os frutos, pois como é insistente e geralmente tudo consegue, também acredita que aquelas Uvas seriam dela.

Apesar da moral da história ser construída ao longo de toda a fábula, é na frustração e decepção que a Raposa nos deixa conhecer sua vaidade. Não reconhece as próprias limitações e por isso além não conseguir as Uvas, ainda coloca um defeito nelas e finalmente as abandona: “As Uvas afinal estão verdes, não me servem...” (ESOPO, 2013, p. 41).

Vemos, então, que a moral da história aponta o resultado de uma má atitude ou comportamento e que não reconhecer as próprias limitações, pode levar à infelicidade. É muito comum vermos pessoas que desejam coisas que não

podem ter ou desejam os pertences de outras pessoas, apontarem que essas pessoas não merecem o que têm. Isso estabelece uma relação com a fábula de Esopo, e a universalidade dessas fazem dessas história algo muito atual, pois se interligam com a sociedade em que vivemos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo apresentado neste artigo, observamos a permanência da fábula na literatura e, sobretudo, na literatura infantil. As (re)leituras deste gênero literário são muito importantes para a manutenção do texto em todas as épocas.

Mesmo não sendo um texto de produção recente, vimos que a fábula contém narrativa e temática quase atemporais e que até hoje o texto clássico reflete as situações de nossa sociedade e os comportamentos humanos. As alegorias falam dos grupos sociais e expressão as relações de poder, produzindo a moral que servirá de ensinamento.

Este é um dos motivos que fazem com que a fábula perpasse os tempos e mantenha-se bastante vigorosa, sobretudo, na escola. É também um dos textos mais reconhecidos na literatura infantil e juvenil, por sua facilidade de aplicação em sala de aula, nas aulas de leitura, suscitando um aprendizado por parte deste público.

Com “A Raposa e as Uvas”, por exemplo, percebemos como é importante aceitar as próprias limitações, e não desprezar as coisas que não conseguimos obter. Isso só nos trará frustrações e decepções. Os valores humanos devem reconhecer essas limitações.

Concluimos, então, que a fase do mito é ideal para mostrar às crianças novas aprendizagens e permitir a elas o reconhecimento de seu papel na sociedade. Concordamos que a leitura literária é o veículo de formação mais eficaz que essas crianças podem ter para compreender o mundo em que vivem.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2003.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantojuvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

OLIVEIRA, Maria Angélica. **Caminhos da fábula**: literatura, discursos e poder. Campina Grande: Bagagem, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 2006.